



Photo by Nacho Arteaga on Unsplash

O MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO EM TRÊS SINTÉTICOS PONTOS: A CASA COMUM, O PACTO EDUCATIVO GLOBAL E UMA NOVA ECONOMIA

Por Adilson Souza, Mestre¹

*“Nada do que é humano é estranho à vida cristã.
E a vida cristã não tem sentido se não torna a vida social
mais humana, no espírito do evangelho.”
(André Fossion, 2010)*

¹ - Teólogo, Matemático, Mestre, Superintendente do AXIS Instituto.

Temos grandes possibilidades e também enormes desafios. Temos muitas potencialidades e, ao mesmo tempo, obstáculos diversos. Temos sonhos visionários e para realizá-los, caminhos estratégicos a serem colocados em prática. Torná-los ações como uma Igreja verdadeiramente em saída (EG, 2013) é um caminho desejado, imprescindível e urgente a ser percorrido.

Um mundo parado e voltado para si tem vida limitada, tal como a natureza que, estática, até pode se assemelhar a “morta”. E a nossa Igreja, se fechada em si mesma, permanecerá supostamente limpa e pura, porém, na ausência de oxigênio e à beira da morte. E o que se espera dela é que rompa horizontes, enlameie-se, envolva-se, vivifique e transforme a si e ao seu redor.

Isso é o que deseja o Papa Francisco de todos nós, fiéis. Ele mesmo nos ensina, de maneira régia e mestra, através de excertos de seu magistério papal, aqui representados e citados, da encíclica *Laudato Si* e o cuidado com a nossa Casa Comum; pelo Pacto Global Educativo e suas pistas necessárias à verdadeira mudança e aprendizado; e pela proposta de uma nova economia mundial, sendo aqui tratada como a Economia de Francisco (São).

Na *Laudato Si*, presenteada ao mundo há cinco anos, o papa discorre sobre a preocupação com o planeta, a quem carinhosamente chama de 'Casa Comum', lembrando as diversas degradações ocorridas ao longo da história, as perdas geradas, principalmente aos menos favorecidos, e cita os caminhos que poderão ser percorridos pelos variados atores com vistas à restauração dessa nossa 'Casa'.

O Papa recorre, na encíclica, às falas dos três últimos Papas antes de seu pontificado e destaca uma delas, a do Papa Paulo VI se dirigindo à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) - que lidera os esforços internacionais de erradicação da fome e da insegurança alimentar - em novembro de 1970, chamando a atenção para uma possível catástrofe ecológica dado o efeito causado pela explosão da civilização industrial e todas as suas implicações. Paulo VI disse isso há exatos 50 anos, porém, quando

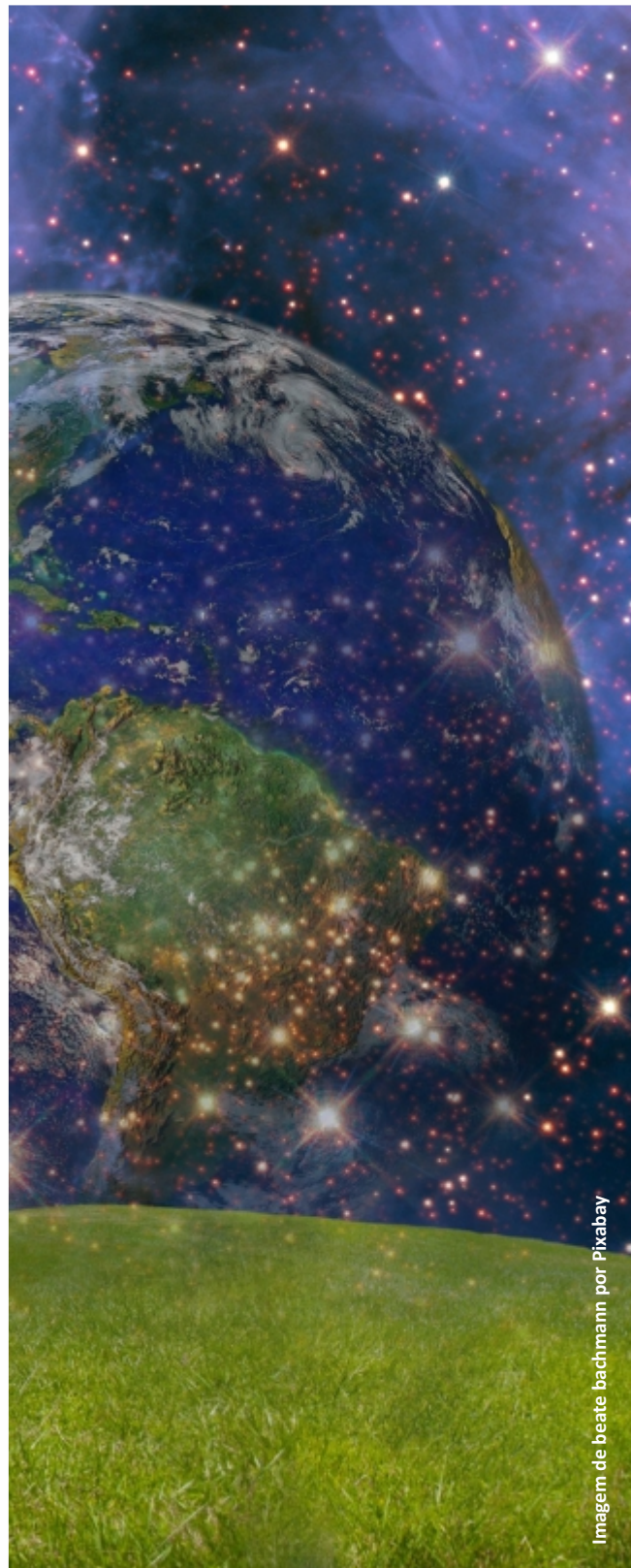


Imagem de beate bachmann por Pixabay

observada a situação predatória contra o meio ambiente por fatores diversos, dentre eles, a poluição industrial citada naquela época e ainda hoje vigente, percebe-se que mudaram os cenários mas não mudaram os contragolpes da indústria e de outros agentes nocivos à civilização. Será que os alertas foram em vão? Ou eram alarmes falsos? Ou os interesses de uma mísera minoria sobrepõem-se aos interesses de uma esmagadora maioria indefesa, sem voz, sem vez e carente de forças capazes de alterar as mudanças tão necessárias e clamadas há séculos?

Na ocasião, Paulo VI alertava quanto à necessidade de uma mudança, e que essa fosse radical, no comportamento da humanidade; no entanto, seus apelos de então não foram e continuam não sendo ouvidos na medida necessária ao bem comum. Como dito pelo santo padre, “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”. Haja vista, as catástrofes nos grandes centros urbanos em épocas de enchentes e as recentes tragédias florestais ocorridas no mundo e, notadamente no Brasil, na Amazônia e no Pantanal. Mas alguém poderia questionar: ‘seria a teimosia incendiária dos caboclos e dos indígenas’?

O Papa Francisco recorre, também, a São João Paulo II que, com muito empenho, se envolveu no tema do meio ambiente durante seu pontificado. Em sua primeira encíclica, *Redemptor Hominis* (1979), ele dizia que “o homem parece muitas vezes não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles somente que servem para os fins de um uso ou consumo imediatos”. E completava, dizendo o quanto a harmonia se faz necessária e contributiva ao meio ambiente equilibrado e sustentável, afirmando o papel do homem em comunicação com a natureza, de forma responsável e coerente com as outras criaturas, profetizando este homem como “senhor e guarda inteligente e nobre, e não como um desfrutador e destrutor sem respeito algum”.

São João Paulo II advertiu, de maneira sábia e com profetismo santo, de que o homem parecia não se aperceber da importância e do significado do ambiente para além daqueles voltados tão somente para os seus fins ou consumo imediato. Ou seja, a preocupação com as gerações futuras já não se vislumbrava há mais de quatro décadas.

E citando, por fim, um dos três últimos papas que o antecederam, considerando que João Paulo I – ago/1978 a set/1978 – liderou a Igreja por apenas 33 dias em seu pontificado, morrendo subitamente e não gerando, assim, documentos ou momentos de grande expressão relacionadas às questões aqui tratadas, o Papa Francisco discorre, na *Laudato Si*, sobre a fala de Bento XVI, quando este, falando ao parlamento federal alemão (2011) chamava a atenção para os atos antropológicos predatórios e não racionais, ensinando que, “também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece”.

No entanto, essa própria natureza humana não tem sido considerada e a auto manipulação que tem levado os homens à autodestruição são evidentes e cada vez mais frequentes. Deriva-se dessa ausência de respeito e de valor próprio de sua natureza um consequente reflexo exterior, quando o homem num apetite voraz, vem, ininterruptamente, extrapolando todos os limites atuais e potenciais e degradando, de forma cruel e intimidatória, as diversas possibilidades externas encontradas visando um auto-favorecimento ou as benesses de uma minoria despudorada e descomprometida com o bem comum. Faz-se necessário e urgente, que as causas estruturais das disfunções da economia mundial sejam eliminadas e que os modelos e padrões estabelecidos pelo deus mercado sejam (re)ajustados e corrigidos em sua essência e em vista do planeta e, por consequência, da vida em geral.

Cabe destacar que a criação da encíclica tem, além do embasamento e referencial papal citados, outras diversas referências que citam, além de documentos da Igreja, também os apontamentos e discernimentos de inúmeros atores especialistas, como cientistas,

gestores e líderes, filósofos, teólogos, Igrejas distintas da Igreja católica e organizações sociais, que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre essas questões. Diversas visões possibilitam uma análise e elaboração documental que extrapolam as religiões, desmistificam interesses de pequenos grupos, possibilitam a imparcialidade textual e ainda, propõem-nos a manter um comportamento que supera o “esboço” de intelectualidade ou de romantismo econômico de um extremista conservador. O que se propõe a analisar, e a viabilidade das propostas possíveis, têm relação direta com a vida e vida em abundância.

Parafraseando e pensando como São Francisco, teremos a graça de enxergarmos, em cada criatura, um irmão e/ou uma irmã e, unidos a estes por afeto, por laços de carinho, seremos impulsionados a cuidar de tudo que existe. E este 'santo dos animais e das florestas' estimula o hoje Francisco que, dos seus aposentos no Vaticano toma fantásticas e surpreendentes iniciativas, e nos intima e provoca a assumirmos o verdadeiro papel de guardiões da fé e da vida, de proteção de tão belo presente a nós doado por Deus na criação do mundo, a nossa Casa Comum, com toda a sua riqueza, beleza e delicadeza.



Imagem de Robert Cheaib por Pixabay

Mas como mudar o jeito de ver o outro, de ver o mundo, de sentir e cuidar da Natureza? Temos, daí, a emergência da educação como um dos pilares e sustentáculos que possibilitará tais mudanças. Sensível a essa imperiosa necessidade, o Papa Francisco nos propõe uma discussão que nos desinstala, nos instiga e nos leva a pensar num Pacto Educativo Global. O pacto, proposto

em 2019, portanto, 4 anos após a encíclica, vem fortalecer o magistério papal na defesa intransigente de um mundo melhor, principalmente para os mais pobres, dado que estes já se encontram em situação desfavorável por si só, independentemente das condições ambientais, o que, é claro, quanto mais degradadas, causam um sofrimento ainda maior aos pequeninos.

O pacto não será um programa a ser elaborado e aplicado em forma de método “fechado”, ou 'já pronto'. O pacto não se apresenta como algo estático e limitado, mas sim, como um pensamento a uma aliança educativa. Quando se pensa em pacto, pela própria definição do termo, não poderia ser pensado sozinho e nem delegar a que alguém, de forma isolada, o faça. Mas pacto pressupõe acordo; projeta que mais de uma parte estarão envolvidas e juntas, propiciando a realização de objetivos e finalidades comuns, advindas desse acordo, dessa aliança entre os seus diversos atores.

Interessante frisar que essa aliança também pressupõe partes diferentes dialogando e, apesar das especificidades e diferenças naturais entre elas, o esforço das discussões, que vislumbra a um acordo, tenha em comum os objetivos do pacto sonhado e desejado por Francisco, e imprescindível ao mundo. Por isso, o pacto envolve todos, sejam do meio acadêmico, sejam das instâncias políticas, econômicas, empresariais e religiosas, dentre outras. Se é aliança, que todos possam ter a oportunidade de contribuir e tornar a multiplicidade de olhares um verdadeiro oásis e areópago de sabedoria e encaminhamentos desafiadores, viáveis e transformadores. Essa maneira de enxergar a realidade nos leva ao deslocamento de uma forma individualista e egoísta de ver as coisas, para uma dimensão ampla e social da educação e do aprendizado. O pacto educativo global portanto, não estará circunscrito apenas às escolas católicas do mundo. Isso não funcionaria e estaria faltando algo, dada a ausência

de olhares diversos e contrários (inclusive) aos nossos e empobreceria o resultado processual e final dos trabalhos. O que nos faz lembrar o grande Dom Helder em sua obra 'O deserto é fértil' (1977) quando verseja, “se discordas de mim tu me enriqueces”.

Em 2017, quando da preparação do sínodo dos jovens, o Papa os provocou através de uma carta a eles direcionada, perguntando, “na inauguração da última Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, perguntei-vos várias vezes: as coisas podem mudar? E juntos, vós gritastes um 'Sim!' retumbante. Aquele brado nasce do vosso jovem coração, que não suporta a injustiça e não pode submeter-se à cultura do descartável, nem ceder à globalização da indiferença. Escutai aquele clamor que provém do vosso íntimo!”

E estes jovens – provocados pelo Papa - de todo o mundo estarão, quando da realização do Pacto educativo Global, representados por outros e juntos a diversos especialistas para discutirem um rumo possível na educação e respectivas e esperadas mudanças. O Papa deseja ou propõe-se a discutir algo como uma 'vila da educação'. E usa, na proposta inicial do pacto, o provérbio africano de que, “para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira”. Tal como Jesus, que usava de parábolas e histórias para envolver e evangelizar (ensinando) as pessoas de seu tempo, o Papa Francisco de maneira inteligente e sábia, usa do provérbio para que, de maneira simples – não simplista – envolva todas as partes interessadas na educação de uma criança.



ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA



"A Igreja não é uma organização assistencial, uma empresa ou uma ONG, mas uma comunidade de pessoas encorajadas pela ação do Espírito Santo, que viveram e vivem a maravilha do encontro com Jesus Cristo e desejam compartilhar esta experiência de profunda alegria."

Franciscus



As **Congregações**
no **Brasil** podem enviar
dinheiro para o **Governo**
Geral no exterior ?

O **Governo Geral** tem
poder civil para destituir
a Diretoria de uma Obra
da **Congregação no Brasil** ?

O **patrimônio** dos **Colégios**,
Hospitais e obras
pode ser alienado? Como ?

Se sua Instituição, para fins civis, ainda não é uma
Organização Religiosa (OR), saiba mais com o **Axis Instituto**.

(31) 3284-6480
 (31) 99311-0092



axisinstituto.com.br



O Papa questiona, desta forma, o atual modelo educacional praticado, e nos leva a refletir sobre o mesmo, dado que a formação integral, o humanismo solidário, os padrões de oportunidades e inclusão verdadeira não são observados e não reduzem as diferenças milenares entre os mais e os menos favorecidos. Partindo do provérbio africano, o Papa busca trazer, desde já, todos os atores envolvidos na sociedade, para uma boa educação. Conforme a declaração conciliar sobre a educação cristã - *Gravissimum Educationis* (1965) – 'o dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade'. Assim, temos o posicionamento da Igreja já no Concílio Vaticano II com a ideia da participação de todos no papel de educar as crianças. O Papa Francisco nos provoca (ou, coincidentemente, retoma) essa visão de corresponsabilidade das partes e, tal como a declaração conciliar, busca envolver toda a sociedade.

Por fim, o pacto, que versará sobre a educação, terá impacto direto na nova forma de agir dos jovens – futuros políticos, juristas, professores, empreendedores, artistas e outros - em ver, julgar e agir quanto aos problemas e soluções mundiais, destacando aqui duas delas que se encontram na essência deste texto, quer sejam, as questões ambientais – tratadas na *Laudato Si* e na qual os convido a aprofundarem – e o atual modelo econômico mundial, que se torna um dos principais fatores causadores da degradação ambiental e do desequilíbrio social no mundo, com um sistema econômico que “não mais funciona” tal como pode-se inferir ao longo de décadas de insucesso e de primazia de uns poucos em detrimento do sofrimento e pobreza da extensa maioria.

Apropriada *Laudato Si* nos alerta que

“não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.”

Ora, dada essa afirmativa do Papa Francisco, tão contundente quanto a inseparabilidade da crise socioambiental, caberá aos participantes do encontro que discutirá o Pacto Educativo Global, a propositura de caminhos diferentes dos atuais e viáveis para um novo mundo incluindo, neste, a proposta de uma nova economia, a que o pontífice tem chamado de a “Economia de Francisco”.

No convite que o Papa fez aos jovens para o encontro onde se discutirá a 'Economia de Francisco', ele explicou que a cidade de Assisi na Itália seria o lugar adequado para inspirar uma nova Economia, pois foi lá que São Francisco se despojou de toda a mundanidade e escolheu a Deus como rumo a seguir. A ideia é a celebração de um pacto com os jovens de todo o mundo, com toda a diversidade presente advinda de crenças e nações, com vistas à mudança da economia atual, objetivando 're-almar' a nova economia, para que as discussões levem a uma nova ordem econômica que possa ser mais justa, fraterna, sustentável e com a participação daqueles que hoje são excluídos do processo. E esses são muitos!!

Ainda na *Laudato Si*, o Papa cita os demasiados interesses particulares e o interesse econômico, que prevalecem sobre o bem comum e, também, a manipulação da informação para que esses projetos não sejam afetados. E diz mais, que a Igreja não pretende definir as questões científicas nem substituir-se à política, mas convida a um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum.

Portanto, para que esse sonho de uma nova educação mundial possa ser discutido e iniciado no Pacto Educativo Global, será necessário que o encontro reveja as linhas de pensamentos dominantes e, de maneira especial, uma visão socioeconômica que possa 'realmar' a economia, com o espírito de Francisco (de Assis e do Papa), que as leis econômicas sejam questionadas, que possam ser repensadas e praticadas com vistas à inclusão e redução das desigualdades que, sendo de responsabilidade dos humanos, sejam colocadas em

dúvida, confrontadas e reencaminhadas. Que as consequências dessas mudanças possam reverter o estado de calamidade no qual nosso planeta se encontra; que possibilitem necessárias rupturas e novos aprendizados no pacto educativo global e que remodelem os currículos e conceitos de economia, para que estes possam voltar-se aos mais necessitados e à transformação das duras realidades de tantos 'invisíveis' que vagueiam pelo mundo e que, pós pacto e uma nova economia mais 'almada', o planeta possa, literalmente, respirar, aspirar, tornar-se sustentável e prover vida plena, justa, igualitária e abundante para todas as criaturas.

Enfim, que o objetivo maior do Papa Francisco, de uma economia socialmente justa, economicamente viável, ambientalmente sustentável e eticamente responsável seja plenamente possível, construída, apresentada e vivida por todos nós. E que a vida social possa ser, de fato, uma vida mais humana e pautada no evangelho.



Adilson Souza, Me

Matemático, Mestre em Engenharia Metalúrgica e Especialista em Gestão Estratégica. Superintendente do Axis Instituto e Consultor Organizacional Sênior. Professor de Graduação e Especialização: UIT/Itaúna, Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e Faculdade Vicentina de Curitiba (FAVI). Cursando Teologia e aluno da Escola Diaconal da Diocese de Divinópolis/MG.

REFERÊNCIAS:

- Papa Francisco. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Vaticano: 2013. In: www.vatican.va.
- Instrumentum Laboris. Pacto Educativo Global, 2019. · <https://anec.org.br/acao/economia-de-francisco-e-clara/>; Acesso em 26/09/2020.
- Concílio Vaticano II. Gravissimum Educationis. Declaração do Concílio Vaticano II sobre a Educação da Juventude. São Paulo: Paulinas, 1966.
- Carta Encíclica Redemptor hominis (Sobre o Redentor do Homem, no início do ministério Pontifical de João Paulo II). São Paulo: Loyola, 1979.
- O deserto é fértil. Dom Helder Câmara. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.
- Papa Francisco. Carta aos jovens por ocasião da apresentação do documento preparatório para a XV assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos. Vaticano, 2017.
- O Deus desejável: proposição da fé e iniciação. André Fossion; tradução Paulo Sérgio Carrara, Solange Maria do Carmo. São Paulo: Ed. Loyola, 2015.